

O sujeito do ato toxicomaníaco

Jairo Gerbase¹

“Tem mais presença em mim o que me falta” é uma frase do poeta Manoel de Barros (BARROS, 1977) que define bem o que Lacan(1988, p. 395) chamou de “o significante de uma falta no Outro”[S(A|)] ou a estrutura de linguagem.

Aliás, os poetas têm esse dom de bem-dizer e eu poderia citar também, em prova disso, Jorge Luiz Borges(1995), que definiu essa imperfeição do simbólico da seguinte maneira: “Os fatos acontecem simultaneamente e a linguagem não pode descrevê-los senão sucessivamente”.

Porque tem mais presença em mim o que me falta, sou sensível a toda promessa de satisfação e a droga é uma promessa de satisfação. Isso é assim porque essa falta que conhecemos desde menino jamais pára de ressoar tristemente em nós.

Há um paradoxo naquilo que chamamos de satisfação subjetiva. Toda satisfação subjetiva é satisfação de uma pulsão. A pulsão é atributo de um corpo que lhe é sensível. Somente o corpo humano é sensível à pulsão. Dito de outra maneira, a pulsão é a ressonância de um significante no corpo. O corpo de nenhum outro animal é sensível ao significante, apenas o corpo do homem é sensível ao dizer. A satisfação subjetiva, portanto, a satisfação de uma pulsão não é possível, senão por intermédio de um dizer, de uma enunciação, função do significante.

Uma hipótese plausível consistiria em explorar a dimensão significativa da satisfação de uma droga de preferência à exploração de sua dimensão bioquímica. Em outras palavras, é possível discutir a suposta evidência clíni-

ca das teorias bioquímicas das toxicomanias, se a abordarmos em correlação com o problema da filosofia da mente, da questão da subjetividade, da ecceidade ou da consciência. Tratar-se-ia de confrontar os dados fornecidos pelas ciências e tecnologias pragmáticas contemporâneas, a biologia, as neurociências, as ciências cognitivas computacionais, por um lado, e, por outro lado, os dados fornecidos pela psicanálise.

Debatendo o tema do impulso de crueldade, do impulso sádico, da pulsão destrutiva como uma das derivadas da pulsão de morte de Freud, em uma intervenção recente, Derrida fez um convite aos psicanalistas para se colocar a questão de porque foi necessário, depois de cem anos de psicanálise, se levantar sob esse termo de “Estados Gerais”, que como se sabe são os antecedentes da revolução francesa, um movimento internacional de psicanalistas. Ele pede que o psicanalista se pergunte qual é o problema que a mundialização da psicanálise teria criado de modo a tornar necessária a convocação de um movimento dessa natureza. Ele articula três termos, a crueldade, a soberania e, em especial, a resistência à psicanálise, que se verifica em diferentes níveis: no nível da psiquiatria, que é o que nos interessa aqui, isto é, de como, particularmente nos Estados Unidos, a psiquiatria biológica avança tentando decretar o fim da psicanálise, propondo hipóteses neuroquímicas dos sintomas mentais; no nível do direito e da religião, ou seja, de como, apesar de cem anos de psicanálise, todo o mundo continua acreditando no homem natural, que pode atingir a perfeição, que não tem satisfações idiossincrásicas. Por isso ele se pergunta: que é feito da obra de Freud? Por que ela não teve o poder, senão de conciliar com essa ordem?

Lacan (1977) descartou qualquer possibilidade de se encontrar objetivos naturais nos seres humanos.

A natureza, ele diz, como toda noção que nos chega ao espírito, é uma noção excessivamente vaga. A neurose não é natural, a não ser, na medida em que, em um homem, há um simbólico. Da natureza da natureza nada pode ser dito senão que há alguma coisa que imaginamos que possamos dar conta por intermédio do orgânico, isto é, pelo fato de que haja seres vivos. Mas, que haja seres vivos, não só não é óbvio como é preciso lucubrar toda uma gênese, ou seja, o que se tem chamado de genes, seguramente quer dizer alguma coisa, mas isso

não é mais que um querer dizer. Não temos, de modo nenhum, certeza se esse jorro da linhagem é evolução ou criação. A elucubração criacionista não é melhor que a elucubração evolucionista, porque, de qualquer modo, isso não é mais que uma hipótese.

Um debate como tal recolocaria em seu lugar o conceito de sujeito. Como, com efeito, imaginar um ato sem pressupor um sujeito da ação? A recusa da admissão do sujeito da toxicomania parece dever-se ao receio de um falso dualismo que consistiria em admitir, ora a exclusividade de fenômenos mentais, isto é, discursivos, ora a de fenômenos bioquímicos.

Essa reflexão me conduziu à resenha de Rorty (2000), na qual ele destaca a psicanálise como o avesso da filosofia:

A filosofia e a psicanálise são tão relacionadas quanto a fusão e a fissão. Os filósofos procuram pontos em comum, os psicanalistas buscam idiosincrasias. Desde Platão, os filósofos tentam responder à pergunta: 'O que é uma vida boa para o ser humano? Essa pergunta pressupõe um 'tamanho único' para qualquer pessoa – que todos temos o mesmo mecanismo embutido ('razão', 'natureza humana') que nos conduz ao mesmo objetivo. Todos estamos aqui pelo mesmo propósito. A filosofia nos ajudará a entender qual é esse propósito e o fará nos desviando da aparência em direção à realidade – da aparência do mundo, visto de um ângulo meramente subjetivo, para como ele é objetivamente e, portanto, do que apenas parece bom para o que é realmente bom.

O professor de filosofia da Universidade de Chicago, Jonathan Lear, também psicanalista, cujo livro Felicidade, morte e o restante da vida é resenhado por Rorty, diz que, segundo Freud, "cada pessoa é conduzida pela vida por mecanismos diferentes, por um conjunto único de fantasias erráticas, em geral inconscientes, que determina o que cada um considerará uma vida feliz e plena".

Lear se dedica a entender a tensão entre a afirmação de Platão e Aristóteles de que alguns objetivos são naturais aos seres humanos e a dúvida de Freud sobre a possibilidade de classificar as vidas do fetichista, do avaro, do oblativo, do penitente, do pedófilo, do romântico, do cruel, do toxicômano em termos de naturalidade.

Há uma profunda diferença entre a visão platônica ou aristotélica e a visão freudiana da realidade, apesar do fato de que Freud aparentava procurar a verdade científica objetiva. A realidade platônica, experimentada no "mito da

caverna”, se opõe à aparência e pode ser alcançada pelo uso da razão. Essa metáfora do todo foi posteriormente seguida por Agostinho, Espinosa e Hegel, e se tornou a ficção central da filosofia e da ciência ocidentais.

Por seu turno, Freud afirma que qualquer limite à gama de possibilidades humanas, qualquer contexto religioso, filosófico ou científico em que pretendamos encerrar toda a gama de possibilidades subjetivas, será sempre uma imagem da existência humana desde uma perspectiva particular. Essa compreensão teleológica do homem é certamente a principal responsável pela resistência à psicanálise.

Outra referência nos ajudará a compreender a dimensão significativa da satisfação de uma droga, hipótese que me propus a explorar, encontra-se na “arte retórica” de Aristóteles, desenvolvida entre nós pela professora Maria José Campos Rocha.

O objetivo da autora é analisar a argumentação pelo exemplo. A especificidade dessa análise consiste em relacionar um elemento simbólico (uma idéia, um pensamento, uma frase) com um elemento imaginário constituído a partir das relações sociais discursivas, de modo a situar as formações ideológicas correspondentes.

A argumentação pelo exemplo é uma estratégia de uso frequente na oratória antiga e moderna, construída a partir de fatos do conhecimento público, retomados discursivamente pela oratória e atravessados pela ação do imaginário social. Seu efeito é a persuasão. A condenação de Catilina pelo Senado Romano é um exemplo de persuasão do discurso de Cícero. A especificidade da análise do discurso consiste em compreender os efeitos de sentido dos objetos simbólicos, em outras palavras, os efeitos subjetivos do significante.

Algumas noções centrais da retórica grega têm, de acordo com a autora, ressonâncias contemporâneas. Os elementos da retórica aristotélica – logos, ethos e pathos – são cruciais para a construção dos efeitos de sentido, ou dos efeitos de sujeito, nas comunicações contemporâneas em diferentes campos, a política, o direito, a arte, a publicidade etc. São também cruciais para a construção das formações do inconsciente, atos falhos, chistes, sonhos e sintoma.

Um material significativo selecionado pela autora foi a peça publicitária – NÃO MINTA A IDADE (Deixe a sua pele fazer isso por você) – programa de tratamento cosmético facial promovido pela marca “O Boticário”. O

material reúne o desenvolvimento da tecnologia bioquímica e a ideologia do culto à beleza, pretendendo quase concorrer com o saber legitimado da dermatologia.

O logos é a dimensão racionável com a qual o locutor, aparentando imparcialidade, convoca o alocutário a fazer prevalecer a verdade. Isso se obtém pela introdução do signo da negação, o que pressupõe que se mente a idade. Em si mesmo o enunciado não é verdadeiro nem falso, ele se torna verdadeiro ou falso unicamente no decorrer de uma enunciação particular. Há aí polifonia do significante – mente-se a idade e não se deve mentir a idade.

O ethos, a dimensão moral entra em cena logo que se evidencia que está em jogo a questão do caráter e os costumes sociais – não é necessário mentir para ocultar o envelhecimento.

O pathos, a dimensão de angústia e de culpa se instala no momento de se decidir o ato – mentir, não mentir. Instala-se o impasse da escolha entre a verdade e a mentira. A necessidade de um semblante de solução então se precipita: deixe a sua pele fazer isso por você. Atinge-se assim o efeito econômico, efeito de satisfação ou de gozo relativos à beleza e à juventude. No caso do chiste, seria esse o momento em que se produziria o riso.

Diz-se que as idéias não entram em combate, que, ao contrário, os homens combatem as idéias. Parece-me que esta afirmação difere um pouco daquela que Debray pretende em seu curso que se denomina “Midiologia”, que consiste em afirmar o poder das idéias, poder que a propaganda manipula com muita eficiência e que tem a função de “levar a fazer”, função que, de algum modo, se pode aproximar dos atos de fala performativos. Os enunciados performativos têm a propriedade de que seu sentido intrínseco não se deixa apreender independentemente de uma certa ação que eles permitem realizar, da realização de um ato ilocutório.

A midiologia se interessa em abordar o poder material de certos enunciados. Dizer que tal droga, por exemplo, traz um raro prazer parece ter o poder de induzir seu consumo. Pode-se arrolar uma série de enunciados dessa ordem cuja função é induzir uma demanda. O próprio nome próprio de uma droga já induz uma demanda. Creio que se consome drogas como se consome todos os demais

bugigangas produzidas pela tecnologia.

A decisão de iniciar o consumo de uma droga é da natureza de um encontro, de uma fortuna. A dificuldade de situar a motivação inconsciente do consumo se deve ao fato de que esse encontro é contingente. O que é contingente é incalculável dada a imperfeição já referida do simbólico. Ele só nos permite calcular o necessário e o impossível. O início de um consumo é da mesma ordem do desencadeamento de um sintoma, obedece a uma conjuntura de desencadeamento. O encontro com um significante mestre pode desencadear uma psicose, uma neurose ou uma toxicomania. Não vejo porque procurar em outro lugar a explicação desse desencadeamento. O encontro com um significante é sempre um traumatismo, termo que Lacan equivoca, para indicar que a ligação faz furo no real, e que define como o mal-entendido fundamental do falaser: nasce-se mal-entendido no meio de dois outros seres mal-entendidos.

O ato toxicomaniaco pode também ser enunciado em termos de economia libidinal, isto é, em termos de satisfação erótica. Tal como o ato quiromaniaco, o ato toxicomaniaco tem alguma relação com o auto-erotismo. O ato quiromaniaco pode ser aparentemente interpretado como uma tentativa de obter o gozo erótico sem recurso ao outro, mas vale lembrar que o auto-erotismo, o gozo obtido do corpo próprio não deixa de ser o mais aloerótico na medida em que tratamos o corpo próprio como um objeto exterior. O menino Hans mostrou claramente que o embaraço do sujeito com sua própria ereção era o embaraço com um objeto exterior. Esta é em geral a situação do objeto em uma fobia. O objeto da fobia se situa sempre em um espaço aberto. Isto é algo que se pode generalizar dizendo que o inconsciente está implicado com o encontro do sujeito com a própria ereção.

Quando se trata de demonstrar o sentido do ato toxicomaniaco, o essencial é dizer que se trata de uma suplência à impossibilidade da satisfação erótica em aliança com um parceiro sexual. Por isso dizemos que o ato toxicomaniaco pode ser o parceiro sexual. No entanto, a especificidade do ato toxicomaniaco consiste em contrariar essa parceria. O parceiro droga é preferível na medida em que promove a ataraxia, na medida em que a experiência com a droga é uma autêntica experiência de imperturbabilidade, o ideal supremo da felicidade.

Uma especificidade a mais do ato toxicomaniaco consiste na re- lação direta da droga com o corpo. Quando se introduz voluntaria- mente uma substância no corpo, o tipo de experiência que se conhece não pode ser dissociada da experiência da linguagem. Não se pode conceber o corpo senão como corpo do falaser. A hipótese lacaniana (LACAN, 1982, p. 194) é que “o corpo que é afetado pelo inconsciente é o mesmo que constitui o sujeito de um significante”.

Espera-se a discriminação do uso de drogas. Isso implica, entre outras coisas, em tratar o assunto mais do ponto de vista clínico que jurídico. Infelizmente, o ponto de vista clínico, predominante- mente bioquímico na psiquiatria baseada em evidências científicas, parece ser uma substituição dos métodos de discriminação. Pode-se levantar o problema da dependência mas, como se sabe, todo sujeito se torna dependente do gozo do seu sintoma e isso é sempre o que há de mais irredutível.

Notas

¹Médico. Praticante de Psicanálise. Membro do Campo Psicanalítico e do Cam- po Lacaniano.

Referências

BARROS, M. Livro sobre nada. Rio de Janeiro: Record, 1997. BORGES, Jorge Luiz. O Aleph. São Paulo: Globo, 1995.

DEBRAY, R. Curso de midiologia geral. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

DERRIDA, J. Crueldade, soberania e resistência. Conferência em Estados Gerais da Psicanálise. Inédito.

LACAN, J. O seminário – livro XXV – O momento de concluir. 15/ 11/77. Inédito.

LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconscien- te freudiano. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 832.

LACAN, J. O seminário – livro XX – Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982, p. 194.

ROCHA, M. J. C. Um olhar sobre a retórica. Leitura de uma peça publicitária e estudo da argumentação pelo exemplo na seqüência 2 da Oratio Prima in Catilinam. Inédito.

RORTY, R. Freud e Platão na arena. In: + livros, Caderno Mais, Fo- lha de São Paulo, 10/12/00.

SEARLE J. O mistério da consciência. São Paulo: Paz e Terra, 1998, p. 11-27.

TODOROV, T. Freud sobre a enunciação. Teorias do símbolo. São Paulo: Papyrus, 1996, p. 395-407.